

Girando sons e formando futuros professores: uma análise das práticas músico-vocais e pedagógicas realizadas nos corais do Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé

Comunicação

*Maria Paula da Rosa Gonçalves
Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)
Mariapdrgr.aluno@unipampa.edu.br*

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relatar as práticas músico-vocais e pedagógicas realizadas dentro dos três grupos corais do Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) de Bagé/RS, com foco nas atividades realizadas pela equipe de apoio. Atualmente, este grupo conta com a presença de cinco participantes, entre 15 e 21 anos, e se consolida como um espaço para que jovens possam realizar intervenções nos referidos grupos, através da realização de acompanhamentos instrumentais, organização dos aquecimentos vocais e corporais, e/ou práticas de regência. Sendo assim, esta comunicação conta com o relato das três participantes mais experientes na equipe de apoio, buscando apresentar como o *habitus* de trabalho destes grupos colabora para a formação musical destes jovens e como isto interfere em suas escolhas de profissão. Os dados para a realização deste trabalho foram coletados através de entrevistas online com os demais jovens da equipe de apoio e por meio de um relato pessoal acerca da criação e funcionamento dos grupos corais. Através deste estudo foi possível observar como os corais do IMBA têm servido de propulsores para que jovens possam se inserir em um futuro profissional musical.

Palavras-chave: Práticas Músico-Vocais; Canto Coral; Formação Docente.

Introdução

O canto coletivo é uma prática musical difundida em diversos ambientes, em diferentes etnias e culturas, caracterizando-se como “um espaço constituído por diferentes relações interpessoais de ensino-aprendizagem” (Fucci Amato, 2002, p. 1). A autora citada ainda traz uma reflexão importante sobre o papel do regente nestes grupos, de forma que este se torna um grande responsável pela motivação dos cantores neste espaço.

A fim de introduzir os licenciandos em música no universo da regência coral, o curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) apresenta em sua matriz curricular o componente Fundamentos da Regência I. Faz parte de seus

conteúdos reflexões sobre os espaços de atuação e formação de regentes. Parte da avaliação do mesmo consiste em realizar uma entrevista com um regente coral, a fim de apresentar a pluralidade no trabalho com coros e as implicações dos diversos espaços na atuação dos regentes, como os coros nas escolas (Mateiro, Vechi e Egg, 2014) e nas empresas (Teixeira, 2009). Neste sentido, realizei o trabalho com um grupo de cinco jovens (no qual me incluo) que estão realizando suas primeiras práticas de regência e acompanhamento instrumental junto a corais do Instituto Municipal de Belas Artes (IMBA) de Bagé.

Estes jovens, com idades entre 15 e 21 anos, constituem a chamada equipe de apoio, sendo responsáveis pelos aquecimentos durante o ensaio, acompanhamentos harmônicos e percussivos, e também por realizar práticas músico-pedagógicas e de regência dentro dos grupos corais. Em entrevista, foi possível observar como a participação nos corais impacta suas futuras escolhas profissionais, visto que vários destes jovens ou já estão inseridos na graduação em música, ou demonstram vontade de fazê-lo. Neste sentido, procurei aprofundar meu trabalho, buscando apresentar os corais do IMBA como um espaço de práticas musicais e pedagógicas, sendo estas, parte do *habitus* do grupo.

Teixeira (2015), em seu estudo sobre os festivais de coros do Rio Grande do Sul, apresenta este conceito a partir do entendimento do sociólogo Norbert Elias. Para o autor, *habitus* é o “conjunto de disposições introjetadas pelos indivíduos a partir de sua participação nas figurações sociais [...]”. Pelo *habitus* são aprendidos costumes, modos de agir, tradições, construções simbólicas e visões de mundo” (Elias, 1997 *apud* Teixeira, 2015, p. 95). No caso da pesquisa de Teixeira (2015), os festivais de coros movimentaram grupos no sentido educacional e profissional. Através dos festivais, os coralistas entrevistados pela autora contam sobre suas aprendizagens, destacando que a participação nos festivais acabou forjando um “modo de agir” tanto para regentes quanto para cantores participantes:

Os regentes eram formados também na participação nos Festivais, que contribuíram na formação do *habitus* de trabalho de uma geração de regentes corais. Estes, por sua vez, ajudaram a formar outra geração de profissionais que iniciaram sua formação coral como cantores do próprio coro. A forma de trabalho do regente e o gosto pela música motivaram cantores a seguirem na área profissionalmente. Os Festivais foram os responsáveis pelo incentivo à atividade de ambos, regente e cantores. (Teixeira, 2015, p. 192)

A fim de compreender as trajetórias formativas de estudantes de curso técnico em música, Vieira (2017) se aproxima do conceito de *habitus* através da concepção deste por Pierre Bourdieu, que se refere ao conceito como:

[...] sistema das disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto de práticas e das ideologias características de um grupo de agentes (Bourdieu, 2005 *apud* Vieira, 2017, p. 70).

Vieira (2017) também apresenta um diálogo entre o conceito de *habitus* e a concepção de Morato (2009) sobre o processo de formação e atuação profissional do músico. Nesse sentido, é possível dizer que parte do *habitus* musical se baseia no conceito de que tal atuação ocorre, em grande parte, durante o processo formativo: “[...] o músico se forma sendo músico. Em outras palavras, a construção da profissionalidade em música reinventa a ordem instituída de que primeiro deve-se formar para depois atuar.” (Morato, 2009 *apud* Vieira, 2017, p. 50).

Gomes (2009), ao estudar as relações de aprendizagem musical em família, traz como lente teórica os conceitos do sociólogo Bernard Lahire. Neste sentido, Gomes introduz o conceito de socialização como o que transmite o patrimônio cultural. Dentre as três formas pelas quais essa transmissão pode ocorrer (Lahire, 2006 *apud* Gomes, 2009), cito aqui a transmissão por “treinamento ou prática direta”, onde “os indivíduos se socializam - constroem suas disposições mentais e comportamentais - através de participações diretas em atividades recorrentes” (Lahire, 2006 *apud* Gomes, 2009).

Assim, este trabalho buscará apresentar como os Corais do IMBA movimentam a formação de profissionais que, a partir do *habitus* do grupo, se formam como coralistas, instrumentistas e regentes. Este trabalho contará com dados a partir dos relatos de três jovens, com ênfase para duas colaboradoras que, junto a mim, já possuem uma experiência maior no apoio aos corais. Em comum acordo, todas as entrevistadas optaram por utilizar seus nomes reais neste trabalho.

Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé

Ao percorrer a principal rua da cidade de Bagé, a Avenida Sete de Setembro, uma paisagem de casarões antigos toma conta do olhar de quem passa. Estes prédios

envelhecidos pelo tempo se contrapõem com os novos exemplos da arquitetura, de forma que se torna impossível não notar essas construções ao caminhar pelas calçadas do centro de Bagé.

No coração da avenida, um prédio majestoso chama a atenção: o Solar da Sociedade Espanhola. Porém, basta se aproximar um pouco para ter outros sentidos além da visão captados por aquela construção. Do Solar ecoam os mais diversos sons: as sapatilhas dançando sobre o vinil; a melodia singela de um piano; o tilintar das saias das alunas de dança do ventre; o caos organizado de diferentes instrumentos dividindo o mesmo palco em uma banda; as vozes divididas em um coral.

O Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé – Professora Rita Jobim Vasconcelos, mais conhecido como IMBA, foi fundado no município de Bagé em 10 de abril de 1921 como parte da política que buscava trazer o ensino de música para as cidades do interior do Rio Grande do Sul (Silva, 2015).

A instituição promove aulas de dança e música, e embora tenha se consolidado como um conservatório (no sentido mais eurocêntrico no que se refere a seu currículo e seus cursos), nos dias de hoje podemos encontrar aulas de piano e canto lírico ocorrendo ao lado das de guitarra e percussão. A variedade de cursos possibilita que este seja um espaço que, assim como a Avenida Sete de Setembro, busca o diálogo entre um passado com marcas europeias, e um presente de variedades culturais e musicais. Além dos cursos regulares, a instituição também oferece atividades ou “cursos livres”, pelos quais não é cobrada mensalidade. Tais cursos buscam criar espaços de conexões musicais entre os alunos, como a Banda Musical do IMBA (para percussão, metais e madeiras), a Banda MP3 (grupo de alunos com repertório voltado ao pop rock brasileiro) e os Corais do IMBA, sobre os quais falaremos neste trabalho.

Criação dos corais e sua organização

A formação atual destes grupos começou quando a professora de canto da instituição (in memoriam¹) incentivou a criação de um coral infantil dentro do IMBA. Este

¹ Maria Elisabete de Vargas Infantini, conhecida carinhosamente como “Tia Beth”, era professora de canto da instituição, atuando também como diretora e vice-diretora do IMBA. A professora faleceu em 2021, em decorrência da Covid-19.

coral seria formado por alunos da turma de musicalização, sendo coordenado pelo professor desta mesma turma², que embora não tivesse a prática de regência, já havia se graduado no curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA e também possuía a experiência coral da antiga formação do Coral do IMBA, que havia sido encerrada anos atrás.

Assim, o Coral Infantil do IMBA iniciou suas atividades em 2017. Além do professor regente na condução, outras pessoas eram convidadas a auxiliar nos ensaios e apresentações, como instrumentistas e a própria professora de canto, que era responsável pela técnica vocal nos primeiros anos do grupo. A presença destes músicos auxiliares ficou conhecida nos coros como “grupo de apoio”.

Com o passar do tempo, as crianças do coral foram crescendo ao ponto de este não se enquadrar mais como “Coral Infantil”, tanto pelas questões técnico-musicais quanto pelas questões sociais. Em certo momento, se percebeu que aquelas crianças da turma de musicalização agora eram pré-adolescentes, que não conseguiam cantar algumas notas que alcançavam quando mais jovens, gerando desconforto durante os ensaios. A sensação de pertencimento também estava afetando a organização dos ensaios, pois novas crianças entravam no grupo, existindo certa “resistência” na socialização dos mais velhos com os mais jovens.

Assim, em 2021, nasce o Coral Jovem do IMBA, sendo formado principalmente por aqueles (agora) adolescentes do Coral Infantil. Em 2023 o grupo fez sua primeira apresentação com o novo nome: Coral Girassons, fazendo um jogo de palavras com a ideia de sons que giram, que andam e que dão a este grupo movimento.

No mesmo ano, em 2023, por demanda de alguns pais de coralistas e alunos mais velhos da instituição, surgiu a proposta de retorno do Coral Adulto do IMBA, de forma a abraçar todas as faixas etárias dentro da instituição.

As questões de idade, embora sejam um critério para entrada no grupo, se caracterizam por ser uma regra flexível. O Coral Infantil possui faixa etária dos 6 aos 12 anos; o Coral Girassons, dos 13 aos 18 anos e, o Coral Adulto, para os maiores de 18 anos.

Contudo, em vários casos, participantes de determinada faixa etária optam por participar de outros grupos: jovens que se interessam pelo repertório adulto e passam a

² Vitor Alanis Rodrigues de Melo é um educador musical voltado às práticas instrumentais e também atuando com aulas de Musicalização Infantil e Teoria Musical no Instituto Municipal de Belas Artes de Bagé, além de ser o regente dos coros desta instituição.

frequentar ambos os grupos, crianças que vão com os irmãos mais velhos e começam sua transição para o coral jovem, adultos na faixa dos 20 anos que não se identificam com o coral adulto e preferem permanecer no coral jovem.

Os três corais possuem organizações de ensaio semelhantes, porém se diferem no seu repertório e nas suas organizações de vozes. Em todos os grupos, o repertório é escolhido pelo regente, que busca um equilíbrio entre as sugestões dos coralistas e a viabilidade de sua execução. Este último critério é definido por uma série de fatores, como a quantidade de pessoas para cada naipe do coral e as dificuldades técnico-musicais empregadas no arranjo.

A disposição e quantidade de vozes também varia entre os corais, dado à quantidade de pessoas disponíveis para divisão de grupos/naipes. O coral Infantil apresenta uma divisão de vozes menos complexa, geralmente trabalhando com dois grupos em cânone. O coral jovem trabalha entre duas ou três vozes, criando uma divisão de Sopranos, Contraltos e Barítonos (englobando todos os meninos), embora, algumas vezes, os barítonos cantem na mesma linha que os contraltos. O coral adulto geralmente se divide em duas vozes, sendo a Voz 1 representada pelas agudas de cada gênero (Soprano e Tenor) e, a Voz 2, pelas graves (Contralto e Baixo).

Todos os grupos realizam seus encontros uma vez por semana, no Salão Nobre do IMBA, onde contam com uma variedade de recursos para a realização de seus ensaios: piano, violão e outros instrumentos, se necessário, caixas de som e impressão das partituras. Os ensaios são geralmente de uma hora e meia, divididos em atividades pedagógico-musicais (estas ocorrem principalmente com os grupos infantil e jovem, que visam realizar uma integração do grupo e uma prática musical independente ao repertório), relaxamento corporal, aquecimento vocal e ensaio do repertório.

Os corais são espaços para o desenvolvimento musical dos envolvidos. Não existem critérios para entrar nos corais, de forma que alunos da instituição dividem este espaço com membros externos que, não necessariamente, vivenciem ou tenham vivenciado alguma prática musical. Atualmente, os Corais do IMBA são palco não só para o desenvolvimento das práticas vocais, mas como uma possibilidade de práticas pedagógicas e de regência para futuros educadores musicais. Nos últimos anos, o grupo de apoio, citado anteriormente como músicos e professores experientes que auxiliavam os coros, se transformou em uma

oportunidade para jovens músicos e educadores musicais terem um novo contato com estas práticas.

Equipe de apoio

A equipe de apoio surge da necessidade de diversos aspectos dentro do coro. No primeiro momento, todas as atividades do coral (neste período, ainda infantil) eram realizadas pelo professor regente, que era encarregado de ensaiar, reger e acompanhar o coro, tarefa esta que tornava o trabalho um pouco mais difícil. Assim, foi convidada uma professora de piano da instituição para acompanhar o grupo. Em paralelo, a professora de canto citada anteriormente auxiliava nos ensaios quanto à questão vocal, sempre cantando junto aos alunos. Assim, sua posição servia como uma referência para as crianças, auxiliando nas questões rítmicas e melódicas.

Desta forma foi possível observar a necessidade de dois eixos na equipe de apoio: o acompanhamento vocal e o acompanhamento harmônico. Nos primeiros anos, esses eixos foram responsabilidade de professores da instituição, porém, com o passar do tempo, a equipe de apoio tomou um caráter de preparação de futuros profissionais, tendo as funções que antes eram executadas por professores renomados da instituição sendo executadas, agora, por jovens entusiastas da música.

Esta troca de paradigma aconteceu devido a vários fatores. Primeiramente, tivemos o afastamento da professora de piano que acompanhava o grupo, criando a necessidade de um novo acompanhador. A criação do Coral Girassons também foi um fator decisivo para esta mudança, pois através dele vários jovens se sentiram motivados a auxiliar nos ensaios, tocando ou realizando os aquecimentos.

Atualmente, a equipe de apoio conta com cinco jovens, que auxiliam nos ensaios dos três grupos. Estes jovens são participantes ativos do Coral Girassons, e alternam suas atividades como corralistas, instrumentistas, acompanhadores, preparadores vocais e entusiastas a tornarem-se regentes. Dessa forma, a equipe de apoio se caracteriza por ser um espaço de formação para jovens músicos, fazendo com que o *habitus* do grupo contemple a ideia de que não apenas os músicos se formam fazendo música (Morato, 2009 *apud* Vieira, 2017, p. 50), mas que isto também ocorre com educadores musicais e regentes.

Dois destes jovens entraram para a equipe de apoio no último ano, e assumem que ainda estão iniciando o seu processo musical, sendo iniciantes não apenas na equipe de

apoio, mas em seus respectivos trabalhos dentro da mesma. Assim, focaremos nossa apresentação, neste artigo, no trabalho de três jovens que já assumiram esta responsabilidade há mais tempo, sendo as primeiras alunas que iniciaram nesta equipe.

Maria Paula

Em 2019, a instrumentista que acompanhava o coral infantil acabou se afastando da instituição, de forma que se tornou necessária a presença de um novo instrumentista para acompanhar os ensaios e as apresentações. Neste momento, eu cursava violão popular nesta instituição, e era aluna do professor regente do coro no curso de Teoria Musical e Solfejo. A recomendação do meu professor de violão e minha proximidade com o professor regente resultaram em um convite para que eu acompanhasse o coral infantil como instrumentista e também desse eventual apoio na questão vocal e pedagógica, sendo a “ajudante” quando a professora de canto não estava presente.

Durante aquele ano vi não só minha prática musical evoluir muito, como também compreendi a possibilidade de uma nova área de trabalho. Embora já tivesse uma prática musical anterior, não via possibilidade em trabalhar com a música antes de minha experiência no coral, pois tinha a perspectiva de que o licenciando em música era apenas aquele que dava aula de instrumentos ou de teoria musical (tomando como referência as aulas que eu realizava como aluna na instituição). Conhecer o trabalho de um regente e educador musical foi o fator principal para que eu entendesse que, quando eu “crescesse”, eu gostaria de trabalhar com coros.

A partir da criação do Coral Girassons e de meu ingresso na licenciatura em música, tive a oportunidade de ver meus horizontes musicais e educacionais se abrirem. Aos poucos o professor regente me passou algumas novas responsabilidades dentro do grupo: realizar os aquecimentos (tanto corporais como vocais), preparar atividades de musicalização para os ensaios do coral infantil, até chegar ao momento em que ficaria sob minha responsabilidade ensinar e reger uma das canções do coral infantil, prática que se tornou recorrente em minha atuação dentro deste grupo.

Observando minha trajetória, percebo que a formação em música não seguiu um caminho linear, mas que parte de uma atuação prévia para, então, buscar a formação institucionalizada na graduação. Neste sentido, ter os Corais do IMBA como um espaço de prática para ser uma educadora foi, e segue sendo, fundamental para minha formação como

licencianda em música, pois eu fui uma das musicistas (e, neste caso, professoras) que, assim como cita Vieira (2017), aprendeu seu ofício enquanto realizava sua prática.

Cecília

Filha do professor regente do coral e de uma ex-professora de ballet, Cecília teve uma infância “recheada” de fazeres artísticos, seja através da dança ou da música. Ao longo de suas experiências, acabou optando pela música, através dos instrumentos musicais (em especial os instrumentos de percussão) e do canto.

Sua principal função na equipe de apoio é realizar os solos instrumentais que, geralmente, são encontrados no início ou no meio das canções, de forma que a jovem define sua participação afirmando que, no coral infantil, é percussionista, tocando tanto instrumentos sem altura definida quanto os da família das teclas. Além disso, podemos encontrar Cecília realizando intervenções na flauta doce, na escaleta e no piano. A jovem também realiza sua participação no coral jovem, como contralto, e também no coral adulto, onde eventualmente canta junto e faz intervenções instrumentais, quando necessário.

Cecília era uma das crianças da turma de musicalização que deu origem ao coral infantil, estando presente desde o primeiro ensaio do grupo. Atualmente, é aluna de percussão sinfônica e flauta no IMBA. Quando questionada se já tinha realizado alguma atividade musical fora a de instrumentista ou coralista, Cecília contou sobre suas primeiras experiências como preparadora corporal e vocal:

Algumas vezes que a Helô não pôde ir eu fiz o aquecimento (corporal) e os vocalizes. O aquecimento pra mim é tranquilo com as crianças, apesar de que, na maioria das vezes, elas começam a fazer perguntas e contar histórias e eu acabo perdendo a linha de raciocínio. Já com os vocalizes eu ainda tenho muita dificuldade em pensar nos exercícios e tocar piano, então acabo errando as escalas quase sempre. Nessa hora, eu sou muito melhor cantando junto com as crianças pra elas não se perderem na afinação. (Cecília, entrevista online)

Em conversas com a jovem, Cecília mostrava seu amor pela percussão, compartilhando seu desejo de realizar o bacharelado na área. Porém, a entrevistada apresenta dúvida com relação a essa escolha, pois desde que começou a integrar a equipe de apoio do coral, percebeu que gostaria de ser professora. Cecília nos diz que “mostrar pr’as

crianças como fazer as coisas do ‘jeito certo’ e ver elas me chamando de ‘tia’ deixa meu coração quentinho” (Cecília, entrevista online).

Em sua pesquisa, Fucci Amato (2007) busca apresentar a prática do canto coral como uma “ferramenta de motivação, integração, inclusão social e desenvolvimento de múltiplas habilidades e competências” (Fucci Amato, 2007, p.19), mostrando que o coro deve ser visto como uma prática “socio-cultural e educativo-musical”. Ela ainda mostra que os “conhecimentos adquiridos pelos participantes do coral influenciam na apreciação artística e na motivação pessoal de cada um, independentemente de sua faixa etária ou de seu capital cultural, escolar ou social” (Fucci Amato, 2007, p. 77). Com o relato de Cecília, podemos observar que os corais do IMBA trazem em seu *habitus* de trabalho o incentivo às motivações pessoais de cada participante, sendo, neste caso, nas práticas instrumentais percussivas e nos sentidos e afetos criados ao conseguir transmitir determinado conhecimento, podendo deixar “corações quentinhos” através desta experiência.

Heloísa

Assim como Cecília, Heloísa também fez parte da turma de musicalização que deu origem ao Coral Infantil. Desde criança ela frequentava os ensaios do coral, intercalando estes com aulas de instrumento e teoria musical. A jovem já fez aulas de violão e teclado anteriormente, mas não prosseguiu seus estudos nestes instrumentos, migrando para as aulas de trompete e percussão, às quais tem se dedicado nos últimos anos. Heloísa conta que parte de seu interesse nestes instrumentos vem da sua vontade de trabalhar com música na carreira militar, a qual afirma ser uma de suas opções de carreira no futuro.

A jovem define sua participação nos corais de duas formas: A primeira é como preparadora vocal, visto que nos três grupos ela é responsável por fazer os alongamentos e exercícios de respiração antes dos ensaios; sua segunda participação é como “orientadora pedagógica”, termo criado pelo regente para descrever as jovens que vão ao ensaio dos corais para auxiliar no canto e também na organização das crianças (as “professoras” auxiliares). Relata que algumas vezes precisou tocar algum instrumento durante os ensaios, e nos traz o exemplo de como se sentiu ao precisar fazer o acompanhamento percussivo de algumas canções: “Como estudo percussão não tive tanta dificuldade, mas em alguns momentos não consegui cantar e tocar ao mesmo tempo.” (Heloísa, entrevista online).

Heloísa nos conta, ainda, como se sentiu em sua primeira vez à frente do Coral Infantil. Afirma que a oportunidade de reger surgiu neste ano de 2024, quando o regente do coral decidiu resgatar algumas canções do repertório do grupo em 2019, quando a jovem ainda fazia parte do grupo como coralista. Dessa forma, foi proposto que Heloísa ficasse responsável por ensinar e reger uma destas músicas.

A jovem deixa claro como o apoio da equipe e do regente foram importantes para ela nessa tarefa, pois embora estivesse insegura, ter o apoio dos colegas foi fundamental para que ela conseguisse aprender mais sobre suas práticas de ensino para, então, reger o grupo: “Fiquei um pouco nervosa e insegura na primeira vez, mas recebi grande ensino e apoio e consegui reger a música.” (Heloísa, entrevista online).

Neste momento, volto a citar como o “treinamento ou prática direta” (Lahire, 2006 *apud* Gomes, 2009) interfere nos processos de formação do músico. Ao observarmos o relato de Heloísa, podemos perceber como a sua participação nos corais se apresenta como um instrumento da socialização para a transmissão de uma cultura musical e pedagógica. Os momentos em que a jovem participou dos ensaios levaram ao “treinamento ou prática direta” de novas disposições musicais, dando à jovem um vislumbre das práticas como regente. A colocação da entrevistada sobre a importância do apoio dos demais membros da equipe colabora com a afirmação sobre a importância da socialização nos processos formativos, pois como foi citado por Heloísa, foi através de tais relações que ela conseguiu superar o nervosismo e aprender mais para completar seu objetivo quanto à regência³.

Reflexões Finais

Este trabalho buscou refletir sobre as práticas músico-pedagógicas realizadas por jovens dentro dos Corais do IMBA, e como estas impactam em suas escolhas de carreira.

Devemos salientar a importância do regente de tais coros, que se mostra preocupado com o futuro musical e profissional de seus alunos, dando a estes os subsídios necessários para experienciarem suas próprias práticas pedagógico-musicais. Sua formação como educador musical se apresenta como um diferencial em sua condução dos grupos e no seu trabalho junto à equipe de apoio, colaborando na movimentação desta área ao incentivar

³ Após as entrevistas terem sido realizadas, houve uma apresentação onde Heloísa teve a experiência de reger pela primeira vez em frente a uma plateia. Embora a jovem não tenha apresentado um relato detalhado sobre sua experiência, ao final da apresentação foi possível observar seu sorriso junto às lágrimas de emoção.

jovens que buscam adentrar no campo da educação musical. Desta forma, foi possível observar que os Corais do IMBA se caracterizam por um *habitus* de trabalho acolhedor às práticas pedagógico-musicais, buscando formar profissionais através da motivação de cada jovem sobre seu fazer musical.

Referências

FUCCI AMATO, Rita. *O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical*. Opus, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

GOMES, Celson Henrique Sousa. *Educação Musical na Família: As Lógicas do Invisível*. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio-Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MATEIRO, Teresa; VECHI, Hortênci; EGG, Marisleusa de Souza. *A prática do canto na escola básica: O que revelam as publicações da ABEM (1992-2012)*. Revista da ABEM, Londrina, n. 33, p. 57-76, 2014.

SILVA, Rafael Rodrigues. *Ensino de música em conservatórios de Bagé - Rio Grande do Sul (1904 - 1927): uma sociologia dos processos músico-pedagógicos na Primeira República*. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio-Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SOUZA, Jusamara. *Educação musical e práticas sociais*. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 10, p. 7-11, mar. 2004.

TEIXEIRA, Lúcia. *Espaços de atuação e formação de regentes corais: desafios do contexto*. In: SOUZA, Jusamara. *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano*. 2ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2009. 189-211.

TEIXEIRA, Lúcia Helena Pereira. *Festivais de Coros do Rio Grande do Sul (1963-1978): práticas músico-educativas de coros, regentes e plateia*. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio-Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VIEIRA, Alexandre. *Trajetórias Formativas Profissionais em Música: um estudo com estudantes do Curso Técnico em Instrumento Musical do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Fortaleza*. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio-Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.